

Wamphula Fax

Director: Jerónimo C. Júnior

Nampula, 27 de Dezembro de 2024 . Ano XXI .Edição número 4756

Propriedade da Coop-Norte Jornalistas Associados, SCRL

Nampula- Hoje



Max: 36° | Min: 24°



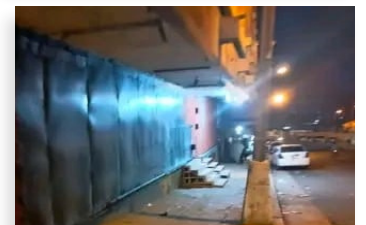
“Chapeiros” agravam unilateralmente os preços

Página 2



**Desconhecidos assassina-
m chefe de
operações da PRM
de Eráti**

Página 2



**Comércio funciona a
“meio gás” em Nam-
pula**

Página 3

Populares aprovisionam produtos alimentares

A população de Nampula esteve, ao longo do dia de ontem, empenhada em comprar produtos alimentares de primeira necessidade para se aprovisionar, receosa de que, em breve, haja uma ruptura de stocks nos principais revendedores da cidade, devido aos últimos acontecimentos em que os empresários locais viram os seus produtos serem saqueados por supostos manifestantes.

Nos supermercados e até nos pequenos mercados, formaram-se longas filas para as compras, e algumas pessoas relataram que tinham de esperar entre duas a três horas até que chegasse a sua vez de ser atendido.

À margem desta procura desenfreada, alguns comerciantes estão a agravar os preços de produtos essenciais, especialmente alimentares. Por exemplo, a farinha de milho, que antes era adquirida por um preço entre 1.000 e 1.200 meticais, passou a ser vendida por 1.500 meticais por saco de 25 quilogramas.

O arroz também registou um aumento, passando dos antigos 1.300 para aproximadamente 1.800 meticais por saco de 25 quilogramas. Esses aumentos de preços atingiram também o óleo alimentar, a cebola, a batata, entre outros, numa altura em que se aproxima a festa da passagem de ano.

“Chapeiros” agravam unilateralmente os preços

Os poucos transportadores semi-colectivos de passageiros urbanos, vulgo “chapa 100”, que ainda mantêm as suas actividades na cidade de Nampula, decidiram, a partir desta segunda-feira e de forma unilateral, agravar os preços cobrados por passageiro, passando de 10 para 20 meticais.

Alguns munícipes que denunciaram esta situação ao nosso jornal afirmaram que, no período nocturno, o valor chega a atingir os 40 meticais, uma “nova tarifa” que não é do conhecimento do Conselho Municipal.

As principais rotas alvo deste aumento de preços são Waresta - Muahivire Expansão, Waresta - Memória, Subestação - Muhala Expansão, entre outras, e a medida surge na sequência das manifestações violentas que têm ocorrido nos últimos tempos.

Alguns munícipes que abordaram a nossa reportagem disseram que as novas taxas estão a afectar negativamente as suas economias.

“Não fui informado sobre o aumento do preço da ‘cha-



pa’ na cidade. Fiquei surpreso hoje (ontem), quando estava a voltar do trabalho e fui cobrado 20 meticais no troço Controlo de Angoche/Muahivire, cerca de 5 quilómetros. Tive sorte, porque tinha esse valor e paguei”, lamentou Félix Maurício.

Carmem Eleutério, que também se sente afectada pela subida ilegal dos preços das tarifas de transporte semi-colectivo de passageiros, acusou a edilidade de não estar a fa-

zer a sua parte, nomeadamente, ao não colocar os fiscais a trabalhar para conter casos deste género.

Quando questionado sobre o assunto, o vereador do Pelouro dos Transportes, Comunicação e Tecnologia no Conselho Municipal da cidade de Nampula, Carlos Furu-mula, disse desconhecer o tal reajuste, e que os fiscais estão a trabalhar de forma condicionada devido às manifestações violentas.

Por sua vez, o presidente da Associação dos Transportadores Rodoviários de Nampula (ASTRA), Luís Vasconcelos, disse ter conhecimento deste reajuste do preço do “chapa”, afirmando que está relacionado com as dificuldades que os transportadores enfrentam no acesso ao combustível, para além das despesas com as portagens ilegais instituídas pelos manifestantes.

Desconhecidos assassinam chefe de operações da PRM de Eráti

O chefe das operações da Polícia da República de Moçambique (PRM) no distrito de Eráti, na província de Nampula, Yuri Muanamuziki, perdeu a vida na manhã de ontem, juntamente com seis agentes da corporação, vítimas de baleamento protagonizado, supostamente, por um grupo de “Napharamas” que tomou de assalto a vila sede de Namapa.

A morte aconteceu depois de o grupo ter invadido o comando distrital da corporação, onde, igualmente, incendiou a sede do governo distrital, criou pânico e vandalizou a residência protocolar do administrador. Incendiou ainda uma viatura, além de ter assaltado e saqueado vários produtos em estabelecimentos comerciais.

Devido ao clima de insegurança, todos os funcionários afetos ao centro de saúde de Namapa abandonaram o seu posto de trabalho, tendo deixado dois pacientes alvejados pelos Napharamas.

Informações na posse do nosso jornal indicavam que, até ao final da tarde de ontem, a população de Namapa estava agitada e com medo, o que levou muitos a abandonar as suas casas para se refugiarem nas matas.

No início da noite de ontem, um grupo de supostos manifestantes tentou invadir o comando distrital da PRM em Malema. Houve tiroteio durante quase uma hora e a população fugiu em debandada. Desconhece-se se houve ou não vítimas mortais ou feridos devido a esta ocorrência.

Com o abrandar das manifestações

Comércio funciona a “meio gás” em Nampula

As actividades comerciais, tanto nos sectores formal como informal, continuam a decorrer a “meio gás” nas cidades de Nampula e Nacala, devido ao medo e receio dos operadores de serem vítimas de assaltos e consequente saque das suas mercadorias, além da vandalização dos estabelecimentos, no contexto das manifestações violentas que têm ocorrido após a divulgação dos resultados das eleições de 9 de Outubro.

Numa ronda realizada na zona considerada o centro da cidade de Nampula, mais concretamente ao longo das avenidas Paulo Samuel Kankhomba, Eduardo Mondlane, do Trabalho, entre ou-

tras, constatou-se que grande parte dos estabelecimentos comerciais estavam encerrados, e decorriam trabalhos de serralharia para o fechamento das montras de vidro, com o uso de chapas de ferro.

A cidade de Nampula perdeu a sua característica, já não se conseguem ver as montras de vidro, pois muitos estabelecimentos fecharam com chapas de ferro, enquanto outros usaram chapas de madeira.

As máquinas de pagamento automáticas, vulgarmente conhecidas como ATMs, continuavam sem disponibilidade de notas, o que obrigava as pessoas a circularem à procura de dinheiro. A solução tem sido alguns agentes do Mpesa

e Emola.

A maioria das bombas de abastecimento de combustíveis estava encerrada ontem, devido ao receio de assaltos ou vandalização. As poucas que estavam em funcionamento registavam longas filas de veículos, que procuravam abastecer-se de gasóleo ou gasolina.

As padarias estavam sem pão, um alimento essencial para as famílias moçambicanas. As poucas que tinham o produto limitavam a compra a 10 unidades por pessoa, depois de uma longa espera na fila.

O mercado grossista do Waresta, localizado em Natikiri, nos arredores da cidade, que foi alvo de saque e

vandalismo há dois dias, também retomou a sua actividade, mas a “meio gás”.

Em Nacala-Porto, registou-se igualmente uma relativa calma ontem, e era notória a presença de militares, que participavam na limpeza dos restos de pneus queimados, troncos e outras barricadas.

Tal como em Nampula, em Nacala-Porto, os bancos também não estavam a funcionar, e as bombas de combustíveis encontravam-se igualmente inoperacionais, o que fez com que poucas viaturas de transporte semi-coletivo de passageiros estivessem a circular.



Vasco da Gama Fenita Valobdas

(1934 – 2024)

Programa fúnebre

Seus filhos, genros, noras, netos e demais familiares comunicam que o funeral do seu ente querido Vasco da Gama Fenita Valobdas realiza-se a 27 de Dezembro de 2024 (sexta-feira), a partir das 10.00 horas, com missa de corpo presente, na capela do Hospital Central de Nampula, seguida da sepultura no Cemitério São João de Brito (velho – Estrada da barragem) da cidade de Nampula. Paz a sua alma



Vasco Fenita e a arte de costurar redes e textos de bolas de futebol

Por: Jorge Ferrão

Ninguém se despede do mundo a 25 de Dezembro. Essa é data de chegadas; recomeços. Nem as consciências humanas aceitam concorrências desavindas com o Redentor. Os humanos evitam as disputas com os celestiais. Procuram e seleccionam suas próprias datas, espaços e tempos. Assim, podem eternizar os seus feitos e glórias.

Nampula, essa capital de tantas conexões e emoções, se vestiu de lilás e xadrez, bandeiras quadriculadas, para apagar as últimas velas da consoada. Desconcertaram os abraços de alegria, para cruzarem com as lágrimas da compaixão.

O final de um ciclo, de um pujante e proeminente editor e jornalista, Pai e Mentor, que já exausto, decidiu ir escrever novas matérias nas alturas, num desporto sem trapaça e nem dribles ousados. Tudo no dia da maior festa da humanidade.

Irreverente e perspicaz, Vasco Fenita, regressou, pois, às origens, ao espaço das estrelas, de um espaço onde nunca soube sair. O ser humano descende dos céus. Aqueles que vivem 90 anos, então, regressam de forma triunfal como lendas. Reencontram a razão de terem passado pela terra.

Vasco Fenita, natural de Tete, nasceu estrela, porém, soube estruturar motivos para viver como constelação. Mais de 20 anos de futebol activo e privou com o Pai do Carlos Queiroz e o próprio Queiroz. Foram 60 anos dedicados ao jornalismo e 90 oferecidos

para o mundo, seus amigos e familiares. Ele foi o mais antigo e activo jornalista que este país alguma vez conheceu.

Exímio na arte do drible, no futebol, com os seus pés encantou estádios, emocionou adeptos e levou a loucura os simpatizantes do verde e branco, suas cores predilectas. As cores de um leão que rugiu em Quelimane, Nampula, Lourenço Marques e, lá para a metrópole, que ofereceu seus palcos aos nossos mais finos e nobres artistas da bola. Do furor dos estádios para o jornalismo desportivo foi consequência. A arte de costurar redes e bolas de futebol traduzidas para Os Lusíadas, através de nomes sonantes como José Craveirinha e Fernando Pessoa. Estes eram os seus predilectos. Ele próprio um Vasco da Gama da palavra e dos descobrimentos. Coleccionou vários escritores, porém, estes eram os poetas e cronistas que mais o enfeitaram.

Assim, como os deuses sempre foram alfaiates, Vasco Fenita interpretou e costurou os cânones do esmero e aprumo da escrita nos seus requintados textos. Criou uma ligação afectuosa, testemunhada e assertiva, com seus leitores, servindo das suas matérias para enviar recados, de toda ordem e natureza, palavras de desacordo, opiniões enviesadas e os elogios e apreço para quem estrelava.

Lutou por um país digno, honesto e ordenado; uma república. Sabia que nem todos os fins são legítimos, e que nem todos os métodos são apropriados. É necessário

guiar a escolha respeitando as escolhas de cada um.

Me confessou, uma vez, que não imaginava que estivesse seguro para colocar suas crónicas a disposição dos leitores. Por essas alturas, já levava mais de 40 anos de carreira. Humildade exagerada. Mas, ele sabia que era detentor de uma combinação harmónica impressionante, de linguagem ajustada, identidade própria e ideias muito peculiares. Suas palavras suavizavam derrotas e faziam parecer que vitórias e derrotas eram, apenas, desporto. Relativizava o sofrimento e evitava disputas extra campos e muros.

Era um dos jornalistas mais discretos que, mesmo assinando seus textos, eles permaneciam impecáveis, cheios de pudor, mistérios, uma espécie de quem estende a mão, mas tem medo que lhe roubem os dedos. Com este carácter, formou dezenas de novos jornalistas e transmitiu os segredos e a arte de bem comunicar.

Nos recordaremos dele como essa bússola que apenas indicava o Norte, com total precisão, porém, sem nunca mencionar os obstáculos até ao destino final. Um homem que viveu unindo margens, sem, necessariamente, mostrar as pontes.

Foi homenageado algumas vezes, porém, muito poucas, para a sua dimensão e grandiosidade. Merecia outro reconhecimento e essas medalhas nacionais que, muitas vezes, se escapam, aos cidadãos de mérito e servidores de causas.

Passou por diversas redacções, incluindo o Notícias, Revista Tempo, Diário de Moçambique, A Bola, e muitos outros, porém, ter criado o primeiro jornal independente no Norte de Moçambique, o deixou lisonjeado e glorificou seu nome na eternidade da história do jornalismo do nacional. Seu jornal virou uma grata referência ao jornalismo moçambicano e lusófono, como bandeira fundamental no enriquecimento da língua, convenhamos, na defesa da verdade, rigor e integridade, bem como dos valores da cultura moçambicana. Foi um cultor de uma crónica rabiscada e um editor atento, de luxo e mérito.

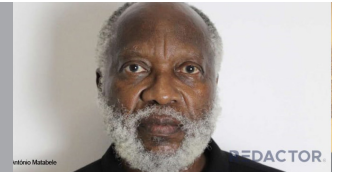
Neste Natal, de sentido invertido, pouco celebrado, com doses de gás lacrimogénico, balas e saques desproporcionais, quando as nossas cidades se vestiram de cadáveres e irracionalidade, também quisemos pensar no Velho Vasco Fenita. Uma espécie de exercício de remissão e indulto desse iconoclasta do jornalismo desportivo moçambicano.

Minha sentida homenagem à sua família, mais próxima e distante, aos amigos e admiradores, que se prostram diante desse decanato jornalístico, exemplo de longevidade, dos chutes na bola que geraram genialidade nos seus textos, e das frases enigmáticas que só ele conhecia o sentido e a profundidade.

Ao Eleutério, a Florbela, ao Aurélio, ao Arsénio, ao Sérgio e Flora Fenita, um abraço condoído de amizade e compaixão. (X)

... da margem do rio Pitamacanha

Por António Matabele (gila.matabele@gmail.com)



Vasco Fenita,

I - Introdução

A mante fervoroso da bela Nampula. Pai biológico de seis irmãos.

Honrado chefe de família.

Fecundou, pariu e criou o WAMPHULA FAX e outras iniciativas deste jaez.

Moçambicano nacionalista, de amor pátrio contagiante e didáctico.

Dono de uma cultura geral invejável, mas sem nunca cair no pedantismo.

Exemplo a ser seguido por alguns de nós, ditos intelectuais deficitários.

De serena longevidade espalhou sabedoria entre amigos e não só.

Durante um século menos dez anos, ricamente peregrinou entre nós, este nobre Fenita.

Progenitor de uma plêiade, sem fim, de excelsos jornalistas.

A arte de bem escrever corria-lhe nas veias, logo depois do sangue.

Erudito, humilde, não vaidoso fez escola no seio do nosso jornalismo.

O nosso professor de por-

tuguês em Nampula recomendava-nos:

“Meninos, leiam os textos do jornalista Vasco Fenita. Ele é preto, mas mestre da língua portuguesa”

Após aquela exortação a miudagem avidamente procurava ler o Fenita.

Encantávamo-nos até ao deleite com a suavidade do seu modo de escrever.

II – O ocaso natalício

Grandes homens só nascem.

Homens há que pelos seus grandes feitos ficam perenes.

O galo acabava de cantar anunciando o dia da vinda de Jesus Cristo.

O nosso Fenita de nós se despedia ao encontro de Deus.

Mas foi só um “até já”.

Até já porque pelas suas vultuosas obras este Fenita jamais morrerá.

Desde quando os heróis morrem?

Por palavras tão bem escolhidas e que lhe ocorriam com facilidade para revestir o seu pensamento, este Fenita fez bonito jornalismo.

Escravo da verdade, de

têmpera imaculadamente im-poluta, fez peças de jornalismo inéditas.

O Vasco Fenita emigrou para o panteão dos que nos construíram.

Porque não viajou para o destino do sem fim, ele continuará connosco.

Futebolista de eleição (jogou com ou contra Matateu), dirigente desportista, homem versátil, etc.

III – Imortalizemos este imortal

Elogios fúnebres serão necessários, mas insuficientes.

Ações práticas imortalizadoras do seu legado são necessárias.

Nampula passará a ostentar a Rua Vasco Fenita?

Nos livros de leitura das escolas os seus textos serão doravante inclusos?

O Sindicato Nacional de Jornalistas o prémio Vasco Fenita criará?

Estas iniciativas somadas a outras imortalizarão este Homem perene!

Atenção: digamos à família e aos amigos que este Fenita não morreu.

O Vasco Fenita é imorre-

doiro porque, também, deu notável participação na reconstrução de Moçambique.

Oremos para que a sua alma viva em Paz eternamente no esplendor da luz perpétua do Paraíso.

Até já meu Mestre, **VASCO DA GAMA FENITA VALOBDÁS**.



Legenda: Vasco Fenita – Conceituado jornalista moçambicano

Tete, 27 de Dezembro de 2024.

António Alberto Paulo Matabele – admirador, fiel e eterno aluno do não finado Vasco Fenita.

Ficha técnica

Director: Jerónimo Charas

Editor honorário: Vasco Fenita

Redacção e colaboradores: Carlos Coelho, Areno Fogão e Rahaia Jamal

Administração, publicidade e expansão: Augusto Madeira e Xavier Salomão

Colaboradores permanentes: António Matabele e Major Manuel Bernardo Gondola

Rua de Monomotapa nº 2A, cave – telefones 824555630 – 846013333 – 846964520 – 879080540 – email: wamphulafax@gmail.